

A ESTRUTURA PERVERSA A PARTIR DOS PRESSUPOSTOS PSICANALÍTICOS

THE PERVERSE STRUCTURE BASED ON PSYCHOANALYTICS ASUMPTIONS

Ana Caroline Oliveira Scarabelli¹

Ana Paula de Oliveira Bughi²

Andressa Gutterres e Silva³

Tamyres Carmen de Barros Pfeifer⁴

Anna Isabel Araújo Vaz⁵

Resumo: O artigo tem como objetivo contribuir acerca dos constructos teóricos psicanalíticos relacionados à estrutura perversa, visando desmistificar e possibilitar reflexões com relação ao tema perversão que ainda se faz pertinente nos dias atuais, identificando os conceitos teóricos basilares da teoria psicanalítica que orientam a compreensão acerca do tema proposto. Trata-se de um ensaio teórico desenvolvido a partir das contribuições da psicanálise trazendo conceitos como Complexo de Édipo e sua influência na constituição psíquica, o mito de Sófocles, fetichismo, a perversão nos contextos freudiano e lacaniano, e sua diferenciação do conceito de perversidade. Percebe-se que o termo perversão é algo cotidianamente usado pela sociedade como associado a algo ruim, e que há poucos estudos que apontam a diferença entre os termos perversão e perversidade, o que faz importante pesquisar e discutir sobre a questão. Percebe-se que o artigo poderia ter sido realizado com uma pesquisa mais ampla para analisar o problema proposto inicialmente, mas que esse não foi feito devido a limitação de referências textuais, pelo fato de a problemática do trabalho não ser algo tão discutido nos meios psicanalíticos e acadêmicos.

Palavras-chaves: Psicanálise; perversão; complexo de Édipo; fetichismo.

Abstract: The article aims to contribute for Psychoanalytical Theoretical Constructs related with Perverse Structure, achieving to demystify and to reflect about the perversion theme nowadays, recognizing basic theoretical concepts of psychoanalytic's theory which helps to understand the theme. It's a theoretical essay which brings concepts as Oedipus Complex and your influence in the psychic constitution, the Sophocles myth, fetishism, perversion for Freud and Lacan, and the difference between perversion and perversity. It is perceived that

¹ Graduanda de Psicologia – E-mail: ana-scarabelli@hotmail.com

² Graduanda de Psicologia – E-mail: anapaula_bughi@hotmail.com

³ Graduanda de Psicologia – E-mail: andresagutterres@gmail.com

⁴ Graduanda de Psicologia – E-mail: pfeifertamyres@gmail.com

⁵ Orientadora e Professora no UNIVAG (Centro Universitário de Várzea Grande) – E-mail: anna.vaz@univag.edu.br

the term perversion is something daily used by society as associated with something bad, and that there are few studies that point the difference between the terms perversion and perversity, which makes it important to research and discuss the issue. It is perceived that the article could have been conducted with a broader research to analyze the initially proposed problem, but that this was not done due to the limitation of textual references, because the problem of the work is not something so discussed in Psychoanalytic and academic means.

Key-words: Psychoanalysis; perversion; Oedipus Complex; Fetishism.

1. INTRODUÇÃO

Neste ensaio teórico será pontuado o conceito da perversão para a psicanálise, tendo como orientador a importância em diferenciar o que comumente se denomina perversidade para o que de fato propõe a teoria psicanalítica.

O termo perversidade está cotidianamente ligado a tudo que possa ser considerado imoral, criminoso ou mal na sociedade, é utilizado indiscriminadamente para definir a sociedade, o homem, a família, as relações e isso só vem aumentando, propagando a banalização do termo perversão, como é apontado por Mello Neto e Schmitt (2011).

A associação de perversão e perversidade tem justificativa na origem do termo. Esta palavra surge nomeando o desvio de algo que seria considerado normal por uma determinada sociedade, especialmente ligado à esfera sexual. A autora ainda aponta como esse conceito é reforçado no dicionário que o associa à maldade, depravação, corrupção etc. (ALBERTI, 2005).

Alberti (2005) reafirma que essa união entre os termos vem de séculos, mas é evidente até a atualidade que até mesmo psicanalistas a interpretem erroneamente, os fazendo diagnosticar como perverso o indivíduo com traços da personalidade impulsivos e destrutivos.

Para além do termo perversidade, ao se pensar sobre a perversão nota-se o quanto a psicopatia é mencionada, mais uma vez sendo fortalecida a ideia de algo ruim. Freitas da Silva (2015) ao falar sobre a relação destes termos, define o psicopata como indivíduo cronicamente antissocial, que está sempre associado a crimes e contravenções, não aprendendo nem com a experiência, nem com a punição e que não mantém nenhuma ligação real com qualquer pessoa, grupo ou padrão.

Antes dos estudos de Freud se tinha outra visão da psicopatia e da perversidade, Freitas da Silva (2015) aponta que eram nomenclaturas usadas como sinônimo de doença mental. Apesar de ser um assunto que tem alto nível de pesquisa e popularidade, seja pela mídia ou pelos artigos científicos, a perversão, de acordo com a base psicanalítica, não tem tanto destaque, nem mesmo dentro da sua área, isso pode ser visto ao comparar o número de pesquisas e textos sobre os outros tipos de estruturas, psicose e neurose, criados ao longo de séculos, como aponta o referido autor.

Freitas da Silva (2015) ressalta que Freud, ao falar de perversão, está tratando sobre um paradigma para caracterizar a sexualidade infantil, e também um modo de encarar o Complexo de Édipo e a Castração. Roudinesco (1998) apud Freitas da Silva (2015) diz que:

(...) perversão, segundo Freud, é de certa forma natural no homem. Clinicamente é uma estrutura psíquica: ninguém nasce perverso, torna-se um ao herdar, de uma história singular e coletiva em que se misturam educação, identificações inconscientes, traumas diversos. Tudo depende em seguida do que cada sujeito faz da perversão que carrega em si: rebelião, superação, sublimação - ou, ao contrário, crime, auto-destruição e outros. (p. 84)

Ao falar da diferença entre perversão e perversidade podemos tomar como exemplo que haveria uma divisão de leis: as leis e a Lei. As leis, que foram criadas a partir de razões históricas podendo mudar de local para local. Já a Lei mostraria o que seria considerado como humano, vinda de um interesse superior, de uma dimensão ética, religiosa, moral, filosófica ou humana. Seriam as leis escritas e as não escritas sucessivamente (ALTOÉ, 2007).

A autora diz que para Freud a diferença entre essas duas seria uma grande preocupação. Mas vale ressaltar que a psicanálise enquanto ciência não propaga como necessidade ou norma a adaptação às leis de uma sociedade, está longe de ser considerada normativa. A psicanálise critica a existência de uma moral sexual do que seria considerado normal e/ou civilizado e como poucos eram aqueles que se satisfaziam com tais regras e como isso causava sofrimentos psíquicos em homens e mulheres (ALTOÉ, 2007).

Entretanto, esta também possui como uma de suas bases uma lei primordial, considerada como universal e essencial para que o ser humano seja considerado adaptado em uma sociedade, o Complexo de Édipo. Uma lei tão universal e ao mesmo tempo simples e complexa, sendo assim na psicanálise

considerada Lei, e ao mesmo tempo que proíbe o incesto proíbe o assassinato do pai (ALTOÉ, 2007).

Conseguir diferenciar perversão e perversidade dentro e fora do contexto psicanalítico é importante para que não fiquemos presos no senso-comum e consigamos ver além dos preconceitos de uma sociedade formada por regras e nomeações do que é considerado normal ou desviante. Entendendo que as pessoas com a estrutura perversa fazem parte do nosso cotidiano, e que nem sempre perdem o juízo da realidade, como é apontado por Freitas da Silva (2015). Mas que compartilham uma história comum a todos, que é a passagem pelo drama edípico.

2. O SUJEITO PARA A PSICANÁLISE

É importante que para que se possa entender o modo como a psicanálise estuda a estrutura perversa, que a definição de sujeito seja estabelecida, visto que quem se estrutura é o sujeito e é este que se organiza frente ao Complexo de Édipo e de Castração. Elia (2010) explica que pensar sobre o conceito de sujeito se deu em função da aparição da angustia e da incerteza do entendimento do homem, e foi à priori estudado por alguns filósofos. O autor conta que a noção que mais se aproxima do inconsciente freudiano é o sujeito transcendental de Kant.

Embora Freud não tenha enunciado o conceito de sujeito, Barroso (2012) mostra que ele se apresenta nas entrelinhas, no conceito de inconsciente, pulsão e repetição. Para a autora, Freud rompe com o modelo cartesiano traçado pela unidade e indivisibilidade cujo centro é composto pela razão, e traz a existência da experiência da outra cena.

Para a psicanálise o sujeito não nasce nem se desenvolve, ele se constitui. Ele tem base familiar e social que o circunscreve na linguagem, e segundo Elia (2010, pg. 22), “a fala é a única que permite, por seu modo encadeado, diacrônico, como discurso desdobrado no tempo em uma sequência de palavras, que o plano do significante seja destacável da significação”. Freud explica que para a espécie humana se manter viva, um adulto próximo se faz necessário, visto que se nasce no desamparo fundamental. Nessa mesma lógica, Lacan lança a noção de “Outro”, que é o esqueleto material e simbólico da ordem cultural e social. Portanto, o sujeito se constitui após o momento em

que o Outro materno introduz seus significantes (marcas materiais e simbólicas), e que ele chama a constituição de ato de resposta (ELIA, 2010).

Para além da origem constitutiva individual, Freud criou o mito da origem da civilização, o mito do Assassinato do Pai da Horda Primitiva, cujo conteúdo se trata de ingressarmos na cultura com um buraco em nossa alma (falta) em consequência do assassinato do Pai-natureza, e é essa falta que nos faz sujeitos “na” cultura, e não “da” cultura. A partir do assassinato é que se instaura a Lei e o desejo. E que para Lacan, entre a necessidade e o desejo, estaria a demanda, onde o sujeito pede a presença e o amor do Outro, ou o objeto faltoso (objeto a). Ela é julgada como uma mentira estrutural, pois é feita para ser suprida, porém isso é impossível (ELIA 2010).

Quanto à sexualidade infantil, Elia (2010) cita que uma das grandes contribuições de Lacan foi a de mudar a definição de falo como pênis para significante/simbólico a fim de situar o sujeito em relação ao seu desejo. Desse modo, reafirma-se a importância de que Lacan postula que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, com produção simbólica, que são os significantes (aqueles que fazem significar) e que para Elia (2010) o sujeito é sempre suposto porque supomos o significante, ou seja, ele não está na realidade.

3. A PSICANÁLISE E A ESTRUTURA

A obra “A noção de estrutura em psicanálise” realizada por Altoé e Martinho (2012), apresenta um questionamento sobre o nascimento dos termos estruturalismo e estrutura, que se mostra constantemente nos construtos psicanalistas. Esses termos são definidos pelo dicionário etimológico como “composição, construção, organização e disposição arquitetônica de um edifício” (ALTOÉ E MARTINHO 2012, pg. 15). De acordo com Altoé e Martinho (2012) o estruturalismo é definido como uma nova maneira de se relacionar com o mundo e não apenas um método utilizado por um dado campo específico de pesquisa:

Surge a ideia *do corpo como construção* em Fontenelle e a ideia *da língua como construção* em Balzac. No final do século XIX, o termo *estrutura* é consagrado por Durkheim em uma publicação de 1895, intitulada *Les règles de la méthode sociologique*, mas uma postura estrutural só se apossou verdadeiramente do campo das ciências humanas num segundo tempo, a partir do século XIX, com Spencer, Morgan e Marx”. (ALTOÉ E MARTINHO, 2012, p. 15).

O termo “estrutura” é fortemente utilizado na psicanálise, contudo, de acordo com as autoras, Freud não a utilizava explicitamente. Lacan, ao reler as obras de Freud, considera o estruturalismo como uma nova ciência, reconduzindo a experiência psicanalítica à fala e a linguagem. Ao Lacan se referir à linguagem, traz o conceito que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que a diferença entre linguagem e fala é primordial para auxiliar distinguir as leis que as regem (SADALA E MARTINHO, 2011), pois “A língua é o lado social que vive no plano do contrato coletivo e preexiste a todo ato de comunicação, enquanto a fala é a utilização prática, concreta e individual dessa língua. A linguagem é a soma da língua e da fala” (SAUSSURE, 1916/2006 apud. SADALA E MARTINHO, 2011, p. 249).

Como supracitado, há muitos anos o termo estrutura e estruturalismos são de uso comum entre os psicanalistas, desde os primórdios no que se refere à importância do diagnóstico estrutural na condução da análise. Compreender a noção de estrutura no campo psicanalítico é de suma importância, visto sua pertinência nas formulações freudianas. Nos dias atuais podemos compreender que o sujeito pode se fazer por uma das três estruturas psicanalíticas: neurose, psicose ou perversão (SADALA E MARTINHO, 2011).

De acordo com Carneiro e Pena (2016), Freud afirmava que antes da análise, realizava o que chamava de “tratamento de ensaio”, no primeiro contato com paciente, por uma ou duas semanas, para que se estabelecesse o diagnóstico diferencial, a sondagem do caso e evitar que o tratamento seja interrompido após um período de tempo. A priori o primeiro objetivo seria de ligar o sujeito ao tratamento e o paciente ao analista, e conseqüentemente diferenciar a estrutura. Lacan nomeou esse instrumento como “entrevistas preliminares” considerando uma porta de entrada para a análise. Não podendo ser concedida a análise propriamente dita antes de realizar o diagnóstico estrutural, considerando um tempo de trabalho prévio antes da análise.

A partir dos pressupostos teóricos de Freud e de Lacan, na prática psicanalista é relevante realizar o diagnóstico diferencial, sendo um instrumento utilizado pelo analista, contribuindo do início ao fim na condução da análise, esse instrumento vale como uma bússola ao psicanalista. O diagnóstico diferencial se dá por meio da fala dirigida ao analista, que se torna um operador sob transferência. O analista não trabalhará como um leitor de fenômenos, mais sim

com um sujeito de linguagem, ao passo que irá manejar a sessão como estrutural e não mais como um fator fenomenológico (FIGUEIREDO e MACHADO, 2000).

3.1 Freud e a perversão

De acordo com Ferraz (2012), Freud foi construindo o conceito de perversão como uma estrutura psíquica que tem como marco três obras. No primeiro momento, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), ele dita a perversão como “negativo da neurose”, ou até mesmo como uma falha do recalque. Já no segundo momento, em *Uma criança é espancada* (1919), Freud associa o tema com a teoria do complexo de Édipo no tocante à identidade e a fabricação de fantasias, e fala sobre a distinção entre a estrutura perversa e a perversão infantil em seus traços primários. Por fim, no terceiro momento, em *O Fetichismo* (1927), ele fala sobre a noção de clivagem do ego e a recusa da castração.

Pouco antes de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), em “Um caso de histeria”, Freud (1901/1905) menciona a perversão, e segundo ele, Dora possui um caráter perverso em suas fantasias, e também em função das questões perversas inconscientes fazerem parte da formação dos sintomas histéricos. Para Freud na referida obra, a perversão se caracteriza como uma transgressão da função sexual tanto no corpo quanto no objeto sexual. Ele utiliza o termo “perversão” para a expressão homoafetiva devido ao termo médico usado na época e replicado por ele em função de demonstrar que toda a prática sexual é desviante, ou seja, a homossexualidade não se trata de bestialidade ou degeneração. E ao tratar de Dora, Freud (1901/1905) chega à conclusão que todas as pessoas nascem perversas, porém algumas permanecem na estrutura devido à inibição do desenvolvimento e ao infantilismo. Foi em “*Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*” (1905) que ele desenvolveu o conceito de perverso polimorfo, onde todos possuem uma disposição sexual variada, que se dá na fase da escolha objetual. Ele também diferencia os conceitos de objeto sexual e alvo sexual, onde o primeiro é a pessoa a quem se tem desejo, e o segundo é a ação da pulsão.

Freud (1905) menciona o fetichismo, considerado como uma pulsão sexual patológica, onde há uma substituição do objeto sexual considerado normal por alguma parte do corpo (pé, cabelo) ou seres inanimados, que ainda

mantém ligação com o objeto sexual, renunciando o alvo sexual normal ou perverso. Também nomeou como uma conexão simbólica de pensamentos inconscientes ligados às experiências sexuais da infância. Sua relação com o normal se baseia na supervalorização psicológica do objeto sexual, onde a pessoa em questão seja inatingível ou há algum impedimento da satisfação do desejo. Para Freud, a perversão pode ser considerada uma aberração patológica, quando “[...] o anseio pelo fetiche se fixa, indo além da condição mencionada, e se coloca no lugar do alvo sexual normal, e ainda, quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual[...]” (Freud, 1905, pg. 93)

Para Freud (1905) a fixação de alvos sexuais temporários acaba por substituir os alvos sexuais normais por outros novos. E atos como o tocar, olhar, sadismo e masoquismo, por mais que pareçam diferentes, em certa dose, se encaixam no sexo normal. Por exemplo, o prazer em ver (escopofilia) apenas se torna perversão quando “[...] se restringe exclusivamente à genitália, (b) quando se liga à superação do asco (o voyeur - espectador das funções excretórias), ou (c) quando suplanta o alvo sexual normal, em vez de ser preparatório a ele[...]” (FREUD, 1905, pg. 94). Além de que toda perversão ativa é acompanhada de uma passividade, logo, um exibicionista também gosta de ver outras pessoas. Para que o sadismo e o masoquismo se caracterizem como perversão, Freud diz que é preciso que o prazer seja exclusivamente através da sujeição e humilhação.

Em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Freud (1901/1905) concluiu que não havia descoberto o suficiente para formar uma teoria sobre o normal e o patológico, pois não possuía material o bastante no tocante à biologia da sexualidade. Ele também concluiu que não existe uma sexualidade humana "normal", toda a sexualidade é perversa no sentido de buscar o prazer e não apenas o coito em si. A expressão perversão frente às práticas sexuais normativas perde a sua força na escrita freudiana e toma lugar uma perversão edípica.

Estudando as neuroses de transferência, Freud (1914-1916) descobre que na raiz das alterações patológicas do corpo há um combate entre as demandas do ego e da sexualidade. A partir de O instinto e as suas vicissitudes (1915) chegou aos conceitos de pulsão do ego (ou auto-preservativas) e pulsão sexual (ou pulsão da libido). Anteriormente, libido era considerada um evento

químico, como uma “tensão sexual somática”. Para o autor, a finalidade primeira da pulsão sexual é o prazer do órgão, seguido da função reprodutora.

No segundo momento, em *Uma criança é espancada*, Freud (1919) observou fantasias de espancamento em casos de pessoas que buscam tratamento para a histeria e neurose obsessiva, que remetiam a infância antes dos cinco anos de idade, inclusive nas escolas, cujo prazer posteriormente era substituído pela leitura de livros relacionados ao tema da punição. A partir das obras, as crianças começavam a fantasiar uma punição ou disciplina frente ao seu mau comportamento, em um viés auto-erótico, cujas origens se deram na primeira infância e que o autor julgou ser o traço primário da perversão. Porém, ao seu ver, esse traço não é vitalício, ou seja, pode ser recalçado, sublimado, ou substituído por uma formação reativa. Para o autor, ser espancado significa privação de amor e uma humilhação.

Nessa obra, o objetivo de Freud (1919), a princípio, era traçar a sequência da conexão causal da fixação infantil e sua constituição congênita. Ele explica a existência de três fases da fantasia de espancamento a partir da análise de seis casos: Na primeira fase, que é consciente, quem bate é o pai e quem apanha é um irmão ou uma irmã, e por não ter sexo definido, ele descarta a hipótese de masoquista e se questiona se a chama de sádica ou sexual. Na segunda fase, que ele classifica como a mais importante de todas, é de caráter inconsciente, onde o pai continua sendo quem bate, porém a criança que apanha se torna ela mesma. Nesse período, a menina sente-se culpada quanto ao amor pelo seu pai. Já na terceira e última fase, de caráter consciente, onde há um retorno ao sadismo, outras crianças estão sendo espancadas, e a pessoa quem bate se desconhece. Nessa fase, ela se distingue da primeira e assemelha-se à segunda, pois a fantasia se liga a uma excitação sexual que leva à masturbação.

A partir da sua leitura sobre os casos, Freud (1919) concluiu que a fantasia de espancamento e outras fixações de cunho perverso, assim como o complexo nuclear das neuroses, são resíduos do complexo de Édipo que culminou em um sentimento de inferioridade análoga à uma cicatriz narcísica. Para ele, não há analogia entre as fantasias do sexo feminino e masculino, pois no masoquismo masculino, ele se coloca no papel da mulher, e quem castiga também é do sexo feminino. Porém, em ambos, há algumas similaridades: Sua origem está na ligação incestuosa com o pai; a fantasia masoquista de ser espancado pelo pai

continua a viver no inconsciente depois do recalque; a fantasia de apanhar corresponde a uma atitude feminina que depois, tanto o sexo feminino quanto o masculino, farão esforço em livrar-se de tal comportamento, recalçando a fantasia.

No último momento, no texto O Fetichismo, vemos Freud (1927) retomar o texto Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905d) em que sustentava a ideia de que a escolha de um fetiche se dá na primeira infância e em função da consequência de alguma impressão sexual. Posteriormente adiciona o conceito que o fetiche representa o pênis que falta à mulher. Para ele, a clivagem do ego é encontrada tanto no fetichismo, quanto em ocasiões em que o ego se defronta com a necessidade de construir uma defesa, ou seja, tanto na rejeição quanto no recalque. Quando o menino se depara com o órgão genital feminino pela primeira vez, as consequências podem ser essas três: tornar-se homossexual por ter a impressão de que será castrado; pode desviar a castração pela criação de um fetiche e se tornar perverso enquanto estrutura, ou também recalcar o conteúdo.

No texto O Fetichismo, Freud (1927) afirma que os homens cuja escolha objetual é o fetiche não procuram análise em função da sua escolha, e sim por outros motivos, porém a questão acaba aparecendo como uma descoberta subsidiária. Ele também explica a escolha do pé como fetiche em função do menino espiar o órgão genital feminino a partir de baixo (baixo para cima), e a escolha do “se despir” por ser um momento em que a mulher pode ser encarada como fálica. Assim, Freud (1927) entendeu que, ao se deparar com a mãe não fálica, o sujeito “preenche” essa falta com outro objeto representativo.

Como podemos observar, a partir da inserção do conceito da criança perverso-polimorfo, ou seja, de que todas as pessoas possuem disposição sexual variada em várias partes do corpo, Freud (1901/1905) inseriu o conceito de prazer sexual além da simples procriação, e começou a desconstruir o conceito pejorativo da perversão, pois tudo que fugia do propósito de procriar era considerado anormal. Ele comenta que a escolha do fetiche se dá na primeira infância, e cita o fetichismo como elemento primordial da perversão, que se torna patológico quando se coloca no lugar do alvo sexual. Tempos depois, Freud (1919) acrescenta as fantasias de espancamento na primeira infância como um traço primário de uma fixação de cunho perverso, que assim como o complexo

nuclear das neuroses, são resíduos do complexo de Édipo. Por fim, após ter articulado a perversão com o complexo de Édipo, a partir do complexo da castração, Freud (1927) contribui consideravelmente acrescentando que o perverso recusa ver a castração da mãe e recusa-se a possibilidade de ser castrado. Para que a recusa seja mantida, é preciso que o Eu seja cindido em duas partes, onde uma parte sabe da castração e entende que nem tudo é possível, e a outra parte que nega a castração e acha que tudo pode.

3.2 Lacan e a perversão

Para Lacan o Édipo é tão importante quanto para Freud, e é onde ocorre a inscrição do Nome-do-Pai na posição do Outro (QUINET, 2015). Tanto para Freud quanto para Lacan, o Édipo constitui-se no contato inicial que a criança tem com a função materna e na interdição feita nessa relação, no caso, o Complexo de Castração. O ponto que difere a castração entre ambos é que, enquanto para Freud remete à uma questão anatômica, para Lacan o que sobressai é a função simbólica paterna, que é tomada por ele como base da problemática edípica (FARIA, 2014).

Para Faria (2014) Lacan faz uma releitura dos escritos de Freud, e para ele o complexo de Édipo possui três tempos e é diretamente ligado à sua teoria do Estádio do Espelho, onde o sujeito faz a passagem de uma imagem despedaçada do corpo para uma unidade. Ainda de acordo com a autora (p. 59) “Quando se ressalta o aspecto simbólico, não é o pênis, mas a própria criança, que deve ser tomada como o que ocupa privilegiadamente a posição do falo materno”. E ocupar esse lugar fusional permite com que o bebê possa fazer a passagem de um corpo despedaçado/fragmentado para uma unidade do Eu (FARIA, 2014).

Nesse primeiro tempo, para a criança não irá existir nada além da função materna, mesmo que o pai se faça presente, para ele o mesmo ainda não teve sua entrada. Para a mãe, a função paterna já ocupa espaço desde o início, e sendo assim é possível afirmar que a instância paterna é inserida de maneira “velada” inicialmente, através do Outro materno (FARIA, 2014).

A entrada da criança no segundo tempo do Édipo se caracteriza pela saída de sua relação fusional com o desejo materno em razão da inserção da função paterna que instaura a castração. A identificação fálica feita pela criança

no primeiro tempo colocava a mãe como detentora do falo, que no caso, era a criança, e ao ocorrer a quebra da ilusão de ser esse falo materno, a criança terá a noção de que a mãe não é fálica e ocorrerá a incidência da castração na criança em si, enquanto falta no outro materno. A castração materna possui o efeito de colocar também a criança em falta, pois a extrai da posição de identificação imaginária fálica (FARIA, 2014).

Enquanto, para Freud a constatação da castração materna se faz na ausência do pênis materno, para Lacan se faz na própria ausência da mãe. É através de a mãe poder estar presente ou não, que pode situar a falta para a criança, porém não se limita aos distanciamentos da figura materna, mas sim de “Um elemento absolutamente particular, capaz de indicar que há, na mãe, um desejo outro que não pela criança” (FARIA, 2014. p. 70). Nessa ausência da figura materna, a criança se depara com um enigma do desejo materno, podendo se questionar sobre o que mais essa figura pode desejar para além dela.

A função paterna é o que surge para fazer uma intervenção na relação entre a mãe, a criança e o falo, que surge na forma de privação. A entrada do pai nessa relação é vivida pela criança como uma forma de frustração e para a mãe, também ocorre um processo de privação, já que se vê privada de seu objeto de desejo, a criança que é tida como o falo. A figura paterna vem como um objeto rival para a criança, um objeto do desejo para a mãe, e dessa forma o falo se direciona para essa figura, assim a criança têm contato com a lei do pai, considerando que a mãe também esteja submetida a ela. É preciso que para ter suas demandas respondidas através da figura materna, o desejo passe pela lei de desejo do Outro, no caso a figura paterna. A criança acaba por perceber que não é o falo e que da mesma forma que a mãe, não o possui (ARAGÃO e RAMIREZ, 2004).

Temos então, finalmente o terceiro tempo, onde a criança passa a ver o pai como o detentor do falo e que pode “dá-lo”. Ao se deparar com a ausência materna, a criança acaba por ter a necessidade de um apelo ao pai privador (FARIA, 2014). E do mesmo modo como a mãe se ausenta, ela retorna, e isso permite com que a criança veja que *“se a mãe volta, é porque esse falo, embora tenha consistência como objeto de seu desejo, objeto que o pai tem e dá, é um objeto que, de fato, não a completa”* (FARIA, 2014. p, 85). Assim, ao ver que a

mãe retorna, a criança percebe-se como também dando a mãe alguma satisfação.

Para romper esse par narcísico (mãe-criança), ocorre a intervenção do Nome-do-pai, no caso, a castração simbólica. Que se faz presente a fim de retirar a criança da posição cativa em que se encontrava anteriormente, a de estar satisfazendo a falta materna (BARETTA, 2012). O Nome-do-Pai surge como uma metáfora de ausência materna, tomando assim um lugar no Outro, função que anteriormente era ocupada somente pela mãe. Ou seja, ele vem como forma de barrar a mãe que outrora exercia um poder onipotente e absoluto. Através do Nome-do-Pai é que a lei é instaurada para o sujeito. Nesse momento a identificação como falo da mãe deve ser destruída, recalcada ou denegada. Através da metáfora paterna, a criança poderá fazer a ligação entre a castração e o simbólico no complexo de Édipo, e como efeito dessa castração, ocorrerá o reconhecimento da “falta” (QUINET, 2015).

No primeiro tempo, a identificação fálica é referida por Lacan como uma perversão primária no plano imaginário. Se trata de uma questão estruturante para a criança e através dela ocorre também a transformação do corpo de fragmento para unidade. Essa etapa é superada quando a criança se dá conta de que o desejo materno está para além dela e que ela não é o único objeto de desejo. Nesse momento ela é inserida no segundo tempo do Édipo, no universo da castração. Se, ao passar por esse momento, ocorrer a recusa de não ser o único objeto de desejo materno, se situa a perversão como estrutura clínica (FARIA, 2014), então “Para Lacan, portanto, todo o problema das perversões consiste em conceber como a criança, em sua relação com a mãe, identifica-se como objeto imaginário desse desejo, na medida em que a própria mãe o simboliza no falo” (FARIA, 2014. p. 113).

Relembrando que é na passagem pelo segundo tempo do Édipo ao terceiro que ocorre a inserção efetiva da função paterna, é aí que temos a situação em que a lei é ditada. Nesse momento, a criança percebe que a mãe está submetida à essa lei que não parte dela própria. Ao falarmos de perversão, uma inversão ocorre, onde a função materna é quem dita a lei para a função paterna. Sendo assim, ela é quem se torna a detentora da lei. A criança ao invés de passar pela dissolução de ser o objeto materno devido a intervenção

proibidora paterna, ela acaba por encontrar na estrutura materna algo que faz com que ele não passe por essa crise (FARIA, 2014).

No caso da perversão, a privação materna não leva, como se poderia esperar, a um apelo ao pai (...). O sujeito retorna ao que Lacan chama a segurança materna (...). A mãe não se deixa privar em um contexto em que ela já foi percebida como faltante. Isso implica, portanto, a negação da privação percebida, uma negação que é característica da posição perversa (FARIA, 2014. p. 114).

A percepção de ser privado ou não, não é a questão da perversão, mas sim o mecanismo utilizado pelo perverso para lidar com tal percepção. Através da negação, ele é capaz de “buscar, justamente naquele a quem falta, um elemento, uma garantia, da inexistência dessa mesma falta” (FARIA, 2014. p. 116).

O mecanismo utilizado pela estrutura perversa é a denegação, onde se toma a mãe como detentora do falo, mesmo que ela não o tenha, e dá a ela a posição de ditar a lei como se o tivesse, assim “No caso da perversão, a negação e a afirmação da falta recobrem o mesmo ponto. É um curto-circuito que reenvia a criança à mãe, no momento em que ela deveria fazer um apelo ao pai” (p. 116). Essa relação faz com que a função paterna se perca, porém, não significa que o mesmo não tenha entrado em cena (FARIA, 2014).

Faria (2014) refere que Lacan traz que o retorno feito pelo perverso ao circuito fálico de relação constituída com a função materna pode se apresentar de variadas maneiras, por exemplo, no fetichismo, travestismo e, em alguns casos na homossexualidade.

No fetichismo o sujeito necessita que a mãe seja fálica, ou que o falo se coloque no lugar dela. É através do fetiche que Lacan nos vem apresentar a estrutura de toda perversão. Ele nos traz o conceito de “véu”, que vêm como um agente que mascara a falta fálica materna. “O véu é a um só tempo o que esconde e o que designa (...) Esconde o Nada que está para além do Objeto enquanto desejo do outro (...) O véu é o lugar onde se projeta a imagem fixa do falo simbólico” (JULIEN, 2003. p. 111 e 112). A falta fálica materna é encoberta pelo véu no fetichismo, aonde é deslocado para um objeto. E, de acordo com Julien (2003), diante do véu temos, além do fetichismo, as seguintes perversões: masoquismo, voyeurismo e homossexualidade feminina.

O masoquismo “não deve ser definido em relação de complementariedade com o sadismo ou inversamente” (JULIEN, 2003, p.112), o sujeito se coloca como objeto de uma vontade de gozo. Já o voyeurismo, paralelo ao exibicionismo, não deve ser considerado complemento do mesmo, e nesse ponto, Lacan introduz o conceito de “fenda”, que é por onde o voyeur entra no desejo do Outro. Através da fenda, o sujeito surpreende o Outro em sua intimidade, em seu mundo privado (JULIEN, 2003).

Na fantasia o sujeito é a fenda, de modo que o outro fique interessado, cúmplice, aberto a esse espetáculo e participe dessa mostraçã (...) O sujeito é a fenda, fissura do véu que separa o escondido do mostrado, o privado do público no espaço do outro (...) O que o outro dá a ver, à sua revelia, é o que permite negar a falta fálica, de acordo com a crença perversa: todos os seres humanos têm um falo (JULIEN, 2003. p. 113).

Quanto alguns casos da homossexualidade feminina como saída perversa, ela “não incide sobre a privação materna, mas sobre o retorno da questão fálica sobre o próprio sujeito” (FARIA, 2014. p. 118). No momento da dissolução do complexo de Édipo, em que ainda se espera do pai o falo, no caso o bebê, ao não o recebe-lo e perceber que o pai entregou isso para mãe e não para ela, ela se volta para a mãe. Ocorre uma troca,

No lugar da frustração do objeto real (criança) pelo pai simbólico, instaura-se uma identificação com o pai imaginário. Esse luto do objeto pedido se cumpre pela identificação com aquele que poderia dá-lo, mas que recusou fazê-lo” (JULIEN, 2003. p. 114).

Agora, ao se pensar em uma outra posição subjetiva, como por detrás do véu, no caso o sujeito que se coloca no lugar da mãe, surgem várias perversões possíveis: o travestismo, o sadismo, exibicionismo e, em alguns casos, a homossexualidade masculina (JULIEN, 2003).

No travestismo, através do uso de roupas femininas, ocorre uma identificação com a função materna, que para o sujeito, detém o falo (JULIEN, 2003). Ele coloca o seu falo em conta, ele se identifica com uma mulher, porém esta mulher possui o falo e através das roupas o objeto é materializado. Assim, “nota-se, portanto, que a perversão aparece como uma posição assumida pelo sujeito masculino, posição que implica simultaneamente a afirmação e a negação da castração” (FARIA, 2014. p. 117).

No sadismo não ocorre a simetria com o masoquismo e o objeto utilizado irá presentificar a imagem fálica enquanto no exibicionismo o sujeito não espia

como no voyeurismo, ele oferece-se à vista do Outro, colocando-se à mercê do desejo alheio. No exibicionismo o sujeito quer mostrar ao Outro o que ele tem, considerando que esse outro não possui. Ele revela ao outro esse suposto não ter e mergulha-o na vergonha dessa falta (JULIEN, 2003).

Já em alguns casos da homossexualidade masculina, Freud vêem dizer que ocorre uma *wendung*, traduzida como *inversão*, onde o menino acaba por se identificar com uma mãe detentora do falo. Lacan nos traz que o que ocorre é uma identificação com o gozo materno e não com seu amor ou desejo (JULIEN, 2003).

Há repetição do mesmo gozo por inversão: a criança, uma vez que foi objeto de tal gozo do Outro, perpetua esse gozo gozando, por sua vez de um objeto semelhante ao que ela foi. Há, pois, narcisismo quanto à escolha de objeto, mas a serviço do gozo do Outro a ser mantido (JULIEN, 2003. p. 118).

Importante frisar que a homossexualidade, quando considerada uma saída perversa, tanto no homem quanto na mulher, só pode ser tomada como tal ao ocorrer uma identificação com o detentor do falo (pai ou mãe) quanto objeto imaginário, aonde acontece a afirmação e negação da castração ao mesmo tempo (FARIA, 2014).

Por fim, julgado como estruturalista radical por alguns autores, Lacan (1956-1957/1995) apud Perez, Próchno e Paravidini (2009) define a perversão, assim como a neurose e a psicose, como uma estrutura psíquica. Lembrando que, em psicanálise, a estrutura se dá a partir do Complexo de Édipo diante do posicionamento do sujeito frente à castração. Os autores comentam que para Lacan, o mecanismo básico da estrutura perversa, como já mencionado, é a recusa do reconhecimento da falta do pênis na mãe, onde a angústia de castração é denegada.

4. A POSIÇÃO SUBJETIVA DO PERVERSO NA RELAÇÃO ANALÍTICA

O termo perversão é um dos mais frequentes usados na linguagem psiquiátrica, também está presente nas observações clínicas ou até mesmo nos certificados de internação. Em toda prática clínica é comum estabelecer correlações entre a especificidade dos sintomas e a identificação do diagnóstico. A noção de perversão foi comprometida, há muito tempo, caindo em uso ilegítimo, sendo associada com a depravação de costumes na maioria das

vezes. A abordagem no universo das perversões carece de muita cautela, visto que ainda possuem frequentemente estranhas considerações ao campo psicopatológico (DOR, 1991).

De acordo com Coutinho et al. (2004), a estrutura perversa apresenta incontáveis obstáculos à psicanálise, pela ineficácia da neutralidade e da associação livre ou pelas características da estrutura perversa, que é constituída no mecanismo de recusa da castração. Na prática clínica com pacientes perversos, o analista depara-se com manifestações hostis que dificultam o processo de escuta psicanalista, já que constantemente o analista encontra-se como objeto real do gozo.

É sabido que o sujeito perverso raramente busca auxílio terapêutico na psicanálise, já que a prática perversa assegura o acesso ao gozo. O desejo do perverso é vivenciado como um triunfo que não se penaliza, não se preocupando em relação a inibições e recriminações que em contrapartida angustiarão o indivíduo neurótico, que para ele é um sujeito que não sabe gozar (COUTINHO et. al 2004).

Segundo Coutinho et. Al (2004), o sujeito perverso a grande jogada é a manutenção do gozo, não havendo demanda de análise. O perverso busca no analista, um alívio de algum mal-estar momentâneo.

Em qualquer dessas demandas, a transferência é minada em sua função de suporte para a interpretação, dando lugar a uma relação estéril com o analista, da qual o perverso busca sempre auferir algum lucro que atenda seu propósito de manter o controle. As regras da associação livre e da neutralidade revelam-se inúteis para o trabalho analítico; a primeira por ser sistematicamente desrespeitada pelo analisando e substituída pelo relato compulsivo e inflexível de suas "encenações reais", e a segunda por instalar o analista exatamente no lugar de ouvinte passivo e de cúmplice que o perverso lhe aponta e manobra para mantê-lo. Assim, o perverso desafia o psicanalista em sua práxis e em sua ética, reeditando no real de suas "encenações" a recusa à castração que a análise ameaça impor-lhe pela via do simbólico." (COUTINHO et. al 2004).

Segundo Coutinho et. al (2004), as respostas do analista ao perverso na direção da "cura" irão depender da posição que o mesmo ocupa em relação ao Outro. Desse modo, quando o perverso se posiciona do saber fazer gozar, é necessário que o analista suporte o jogo proposto pelo perverso no qual ele é convidado a ser parceiro, acolhendo o relato de suas encenações sexualizadas e violentas, fazendo o sujeito perverso questionar-se sobre este saber

considerado austero e rígido sendo como um escudo das angústias, desilusões o que a ele garante fazer o outro gozar.

De acordo com Fink (2018), a posição subjetiva do perverso na relação analítica é complexa, ao passo que grande parte dos analistas não recebem pacientes diagnosticados como perversos. Os trabalhos clínicos e a realização de observações do cotidiano mostram que essa complexidade é provinda de vários aspectos, entre eles a posição que o perverso coloca o analista. Além de que a intensidade das pulsões do perverso é mais forte que as do neurótico, não podendo ser subjugadas e amansadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o termo perversão é algo cotidianamente usado pela sociedade como associado a algo ruim, e que há poucos estudos que apontam a diferença entre os termos perversão e perversidade, o que faz importante pesquisar e discutir sobre a questão. Diante disso o ensaio teve como objetivo geral contribuir para a reflexão acerca dos constructos teóricos psicanalíticos relativos à estrutura perversa, para além da perversidade, através de uma linha histórica desde Freud até Lacan sobre a evolução do termo.

Foi possível identificar os conceitos teóricos basilares da psicanálise que orientam a compreensão acerca da estrutura perversa, analisar a perversão a partir dos pressupostos psicanalíticos e problematizar a vulgarização de elementos teóricos. Para tanto foi necessária uma coleta de dados com caráter exploratório e reflexivo acerca do tema proposto. O método escolhido foi a pesquisa científica considerada de cunho qualitativo, logo um ensaio teórico, que propõe uma reflexão do objeto de estudo. Diante dessa metodologia percebe-se que o artigo poderia ter sido realizado com uma pesquisa mais ampla para analisar o problema proposto inicialmente, mas que não foi feito devido a limitação de referências textuais, pelo fato de a problemática do trabalho não ser algo tão discutido nos meios psicanalíticos e acadêmicos.

Almejava-se a partir do proposto artigo trazer a discussão o assunto em questão que, como mencionado anteriormente tem escassez em trabalhos científicos. E problematizar a banalização do termo perversão, aspecto de tamanha importância visto que é por vezes usado erroneamente por

psicanalistas e estudiosos. Além de contribuir com entendimento teórico e propor um posicionamento crítico a respeito do respectivo tema, abrindo assim vias as novas pesquisas e desdobramentos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sonia. A perversão, o desejo e a pulsão. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 341-360, set. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482005000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em ago. 2019.

ALTOÉ, Sônia. (Org.). **A Lei e as leis. Direito e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Revinter, 2007.

ALTOE, Sônia; MARTINHO, Maria Helena. **A noção de estrutura em psicanálise**. Estilos clín., São Paulo, v. 17, n. 1, p. 14-25, jun. 2012.

ARAGAO E RAMIREZ, Heloísa Helena. Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução. **Mental**, Barbacena, v. 2, n. 3, p. 89-105, nov. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200008&lng=pt&nrm=iso>.

ARAUJO, Maria das Graças. Considerações sobre o narcisismo. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 34, p. 79-82, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372010000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 set. 2019.

BARRETTA, João Paulo Fernandes. O Complexo de Édipo em Winnicott e Lacan. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 157-170, Mar. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642012000100008&lng=en&nrm=iso>.

BARROSO, Adriane de Freitas. **Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan**. Santa Cruz do Sul, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782012000100009.

CALHEIROS, M.G. **Psicopatia e perversão: características comuns e diferenciais, processo de passagem ao acto e perfil criminal**. Tese (Mestrado em Psicocriminologia) - ISPA – Instituto Universitário. Lisboa, Portugal. 2013.

CARNEIRO, Anna Barbara de Freitas; PENA, Breno Ferreira; CARDOSO, Ione Maria. **Entrevistas preliminares: marcos orientadores do tratamento psicanalítico**. Reverso, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 27-36, jun. 2016.

COUTINHO, Alberto Henrique Azeredo et al. **Perversão: uma clínica possível**. Reverso, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, p. 19-27, dez. 2004.

DOR, Joel. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Livrarias Taurus-Timbre Editores, Rio de Janeiro, 1991.

ELIA, Luciano. **O Conceito de Sujeito**. Rio de Janeiro, 2010.

FARIA, M. R. **Constituição do sujeito e estrutura familiar: o complexo de Édipo, de Freud a Lacan**. 3 ed. São Paulo, Cabral, 2014.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Uma breve revisão da noção de perversão na obra de Freud**. Rio de Janeiro, 2010.

FIGUEIREDO, Ana Cristina; MACHADO, Ondina Maria Rodrigues. **O diagnóstico em psicanálise: do fenômeno à estrutura**. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 65-86, Dec. 2000.

FINK, Bruce. **Introdução clínica à a psicanálise lacaniana**. Editora Zahar, 1ª edição. 2018.

FREITAS DA SILVA, J. P. A Psicopatia a partir da Psicanálise: desmistificando a visão da mídia. *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 16, n. 37, p. 72-90, 3 fev. 2016.

FREUD, Sigmund (1927) **O fetichismo**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund (1915) **Os Instintos e suas Vicissitudes**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. vol. XIV In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund (1905) **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1919) **Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JULIEN, Phillippe. **Psicose, Perversão, Neurose: A Leitura De Jacques Lacan**. 1 ed. Companhia de Freud, 2003.

MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos; SCHMITT, Lara Stresser. Perversão e contemporaneidade: um discurso equivocados? *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 182-194, ago. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000200014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 ago. 2019.

PEREZ, Maria Tereza; PRÓCHNO, Caio César Souza Camargo; PARAVIDINI, João Luiz Leitão. **Perversão: uma estrutura, uma montagem ou outra coisa?** Fortaleza, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000100008

QUINET, Antonio. **Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise**. 1.ed. — Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

SADALA, Gloria; MARTINHO, Maria. **A estrutura em psicanálise: uma enunciação desde Freud**. *Ágora* (Rio de Janeiro) v. XIV n. 2 jul/dez 2011.

